

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL

SULAMITA CRISTINA DA SILVA

Mediadora: Ângela Massumi Katuta

MEMORIAL DESCRITIVO E ANALÍTICO

**MATINHOS/PR
2023**

SUMÁRIO

1. Introdução

1.1 Agradecimentos

1.2 Minhas Origens e o início da caminhada no curso de Licenciatura em Geografia

1.3 O que a Geografia na minha vida?

1.4 O que eu via antes... O que consigo ver agora?

2. Imagens para recordar

3. Conclusão

4. Considerações finais

5. Bibliografia

1.Introdução

Memorial descritivo e analítico do Curso de Licenciatura em geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)/Litoral que registra as compreensões da geografia no cotidiano e vida de todos, a importância do papel da educação e como ela transformou minha visão de mundo.

Este memorial é resultado das construções dos portfólios elaborados semestralmente durante o curso, que propiciaram a edificação de uma percepção de mundo mais crítica, a revisão e mediação desses materiais foram feitas por diferentes docentes do curso. Escolhi ao final o educador que me mediou no processo de escrita deste memorial (Ângela Massumi Katuta), que tem por pretensão sintetizar o meu processo enquanto discente no curso de Licenciatura em Geografia do Setor Litoral por meio de análise descritiva e reflexão crítica das memórias e atividades construídas durante tal.

Iniciei o registro relatando minhas dificuldades pessoais percebidas durante o curso, fazendo relação com minhas vivências dentro e fora da escola até a chegada na universidade, abordei um pouco sobre quem eu sou e minha trajetória de vida no decorrer do texto incorporando o papel do curso em minha vida profissional e pessoal, as mudanças que pude compreender no processo e o que levo do mesmo.

Palavras-chave: memorial descritivo e analítico; portfólio; evoluir; sentido da vida; o que é a Geografia; Geografia; vivências; educação; importância da educação; educação libertadora.

1.1 Agradecimentos

Quero agradecer a cada profissional envolvido no processo de minha formação, aos que estiveram desde a elaboração do projeto do curso, aos que passaram para complementar, aos que se perderam no caminho e todos que, de alguma maneira, contribuíram e contribuem para essas construções de consciência nessa infinita rede de ações interligadas, gostaria de concluir com as citações:

“Olhar para o passado deve ser um meio de entender mais claramente o que e quem eles são, para que possam construir mais sabiamente o futuro.”(Paulo Freire em Pedagogia do Oprimido, 1987).

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes.”(Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido, 1987).

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente.(Paulo Freire, em Pedagogia da Autonomia, 1996, p. 49).

1.2 Minhas origens e o início da caminhada no curso de Licenciatura em Geografia

Pensar sobre o portfólio desde o início do curso foi um grande dilema não só para mim, mas claramente para meus colegas de turma, entrei na universidade semialfabetizada com muitas dificuldades de leitura e interpretação. A escrita e a formatação de textos eram para mim um enorme desafio não que ainda não sejam, porém, hoje consigo direcionar melhor minhas dúvidas e anseios, esses acessos ou incentivos a leitura e escrita não permearam minha vida até ali, mas apenas no ambiente escolar ou cursinho. O processo de formação educacional dos meus pais foi extremamente precário por conta da pobreza e desinformação, meu pai estudou até o segundo ano do ensino fundamental e minha mãe até a antiga sétima série do ginásio como ela menciona, nunca entenderam a real necessidade de estudar porque me recordo de minha mãe dizendo: - “Menina ler não enche barriga”.

Hoje consigo entender que muito provavelmente esse entendimento foi passado a ela, porque vinham de uma infância extremamente pobre onde trabalhar era a prioridade, pois era o que garantia o sustento, não havia tempo para ler ou estudar. Tendo como base os aprendizados sobre a educação brasileira, percebo hoje que, como minha mãe e meu pai milhares de pessoas, não somente do Brasil, mas ao redor do mundo são impedidas de ter acesso ao conhecimento porque precisam escolher entre comer ou aprender, embora esses sejam direitos “garantidos” pela Constituição brasileira, infelizmente não é isso o que acontece na realidade de muitas pessoas empobrecidas. A escola ainda segue apenas como um sonho e teoria para muitas pessoas.

Relendo alguns de meus portfólios anteriores percebo como claramente eu não havia conseguido compreender o que era o processo de escrita, construção dele e sua utilidade. Mas hoje acredito ter assimilado que o portfólio é também um método de avaliação do nosso processo e do trabalho dos professores no curso e mais eficiente que provas. Ele demonstra seu nível de compreensão e/ou também a falta desse entendimento dos conteúdos apresentados, acredito que por não ter compreendido isso anteriormente, muitos de meus portfólios ficaram extremamente genéricos e com pouco aprofundamento porque eu acreditava que haveria uma maneira correta de se fazer isso, no sentido de usar palavras requintadas ou termos acadêmicos e difíceis formatações, não que isso não seja necessário ou importante, mas me prendi tanto a isso que travei e sempre me frustrei com as escritas porque eu não sabia exatamente o que estava fazendo devido ao meu desenvolvimento escolar não ter me preparado para escrever ou ler o mundo real.

Hoje acredito estar mais esclarecida e conseguindo registrar mais efetivamente meu processo na Geografia desde 2017 até aqui.

Me chamo Sulamita Cristina da Silva, sou filha de Durvalina de Souza Silva e Nilton Aparecido da Silva, sou a caçula de uma família de 4 filhos, sendo que um(a) minha mãe perdeu ainda em processo de gestação, ela não sabia que estava grávida. Nasci em Itapecerica da Serra - Região metropolitana da grande São Paulo, lá eu vivi até meus 5 anos, quando minha mãe cansada daquela vida de cidade grande nos grandes bolsões de pobreza decidiu voltar a Matinhos-PR, lugar onde ela já havia morado com sua família adotiva durante a adolescência e no início do casamento quando meu irmão mais velho tinha em torno de 2 anos. Na época, largaram a cidade na perspectiva de uma vida melhor em São Paulo e como diz meu pai: - “São Paulo é Ilusão para muitos”. Ele se referia à quantidade de pessoas no país que, naquela época, se mudaram para lá em busca de um futuro mais próspero, por ser uma cidade grande e muito conhecida por ser lugar onde havia muitas empresas nacionais e estrangeiras que ofereciam trabalho, porém, ninguém sabia que as condições de moradia, transporte e salário seriam desvantajosas e aprisionadoras.

Voltamos então para Matinhos no ano de 2003, em meados de junho. Moramos inicialmente em um apartamento cedido por uma senhora da igreja que meus pais frequentam. Não me lembro ao certo por quanto tempo, mas foi o tempo deles conseguirem vender uma casa que tínhamos em São Paulo e comprarem o terreno no qual vivemos hoje aqui em Matinhos que, na época, me recordo custou R\$ 5000,00. Dali, moramos numa casa em Caiobá (Balneário de Matinhos), onde minha mãe foi caseira durante algum período e também trabalhava limpando as salas de aula de uma escola do município. Nesse período, meu pai estava desempregado e fazia bicos como pedreiro onde lhe davam oportunidade, até que em 2006 com a indicação também de uma pessoa da igreja, ele foi contratado como zelador num edifício no balneário de Caiobá até o ano de 2017, trabalhando lá por 10 anos e quatro meses.

Por que mencionar toda essa vivência? Ela é relevante para mim e para a conhecimento do leitor, porque ela faz parte do meu ser hoje, influenciando no fato de me encontrar aqui nessa universidade com 25 anos me graduando na licenciatura em Geografia. Obviamente que muitos detalhes não foram relatados porque uma vida jamais caberá num livro e sequer em algumas páginas.

Eu ingressei no curso no ano de 2017, logo após uma frustrada tentativa de cursar Medicina Veterinária em Curitiba, capital paranaense onde após concluir o ensino médio em Matinhos eu me mudei e morei junto a família de uma amiga por cerca de um ano e meio para

trabalhar e fazer cursinho com o objetivo de prestar vestibular. Passei na primeira fase e não consegui passar a segunda, me matriculei para tentar novamente no ano seguinte, porém, meu pai teve três infartos. Então, decidi voltar para o litoral para ficar mais próxima deles e busquei na universidade os cursos disponíveis aqui, optei por licenciatura em geografia com intuito de fazer Provar (prova interna de transferência para outro curso dentro da instituição). Porém, no processo acabei me apaixonando pelo curso e estou aqui me formando como educadora, confesso que dar aula nunca foi uma das minhas opções, apesar disso acredito muito que a vida não nos leva onde queremos, mas sim onde precisamos e sou muito grata por todo esse aprendizado.

1.3 O que é Geografia na minha vida?

Parando para refletir a geografia foi meu processo de me localizar no mundo e no espaço, de questionar o meu eu e as coisas para além de mim, de pensar sobre o funcionamento do planeta, o por que as coisas são como são.

Não sabia quanto essa dialogia apresentada do curso que usa da pedagogia crítica poderia ter esse poder. Quando ingressei no curso não esperava muito na verdade, acho que não esperava nada. Todos os professores eram estranhos ao que eu estava acostumada na escola, toda uma lógica de funcionamento diferente de tudo o que eu havia visto: autores, pensadores que eu jamais havia ouvido falar. Fui entendendo como me faltava tanto e embora sempre tenha sido uma aluna dedicada eu não sabia escrever, nem sequer ler para compreender. Minhas dificuldades eram tamanhas e por muitos momentos me senti incapaz de concluir o curso.

No início das primeiras aulas pude perceber que eles abordavam de maneira diferente o olhar sobre a geografia, confesso que no começo foi um pouco confuso, mas todo o processo de aprendizagem gera contradições internas.

A perspectiva de Educação do setor litoral é uma das mais diferentes no Brasil ao qual tive a honra de conhecer, lá acreditamos que a educação não pode ser imposta, tem que ser explicada e compreendida, claro que, como todo processo, existem apostas e essas podem ou não, cumprir expectativas, mas ainda assim podem ser reajustadas e essas dificuldades encontradas no percurso é que nos impulsionam a aprender qual a melhor forma para alcançar o objetivo, não podemos ver o problema como algo ruim, mas como um elemento que nos impulsiona a evoluir, se o problema existe é porque ele tem que ser solucionado e é isso o que move o mundo.

No curso passamos pelos FTPs (Fundamentos Teóricos e Práticos) que eram os módulos justamente para nos apresentar a parte teórica e as possíveis vivências dentro da perspectiva da geografia crítica, nos ECS (Estágio Curricular Supervisionado) foi onde tivemos nosso contato com a escola, suas realidades e problemáticas, suas possibilidades. Nas ICHs (Interações Culturais e Humanísticas), também parte dos eixos pedagógicos, desenvolveu-se a interdisciplinaridade dos cursos e projetos ofertados nas quartas feiras no setor que tinham como intuito abrir possibilidades de conexões com outras áreas de conhecimento para ampliar a capacidade de sapiência e possibilidades de leitura e ação no mundo. Os P.A.s (Projetos de Aprendizagem) giram em torno da questão: O que você gostaria de estudar que nunca lhe foi perguntado? Esse módulo provocou em minha cabeça um nó, pois quando não sabemos usar a Liberdade isso nos causa medo e confusão, não sabemos exatamente para onde queremos ir e quando não temos um destino certo, qualquer lugar serve não é mesmo? Então, por isso, devemos aprender a perguntar para saber produzir e assim encontrar as respostas.

Quando a missão do P.A. me foi proposta fiquei super ansiosa e meu primeiro tema ou primeira questão, era tentar entender que tipo de ligação tinham os temas: Política, Economia, Globalização e Bem Viver, onde se cruzam? Além disso, a ideia era olhar a partir da ênfase na perspectiva do alto índice das taxas de suicídios ao redor do mundo.

Sei que minhas dúvidas não foram ou são pequenas e, com certeza, o trabalho para esclarecê-las não seria pequeno também. Assim, passei um período tentando construir a conclusão dessa questão. Meu pensamento era estudar cada tema separadamente para que depois eu pudesse construir a conclusão, porém, minha ansiedade em obter as respostas me fez pensar em conseguir um tema um pouco menos complexo, algo que eu conseguisse edificar nessa graduação. Então, minha segunda proposta foi criar um cinema popular. A ideia tinha o intuito de exibir filmes na praça central da cidade de Matinhos, onde pudéssemos construir rodas de conversa após o seu término. Como a realidade é um pouco mais complexa que a teoria, percebi que chegar à praça da cidade envolveria permissões e também interesses municipais, mas o intuito ainda assim era começar, construir esse processo para que um dia conseguíssemos levar a atividade para lá. Conseguimos então o apoio do Ale, um gentil dono de um bar próximo à Universidade. Ele, assim como nós, acredita que a educação é primordial e que é a única coisa capaz de mudar o mundo. A proposta dialogada com o Ale era construir um espaço cultural onde as pessoas pudessem beber, comer e também aprender com conversas, filmes e leituras, assim, aos poucos então estaríamos construindo O Espaço Cultural e Bar do Ale. Tudo foi muito simples. De início, estávamos trabalhando com aquilo que tínhamos em

mãos, usamos o projetor da universidade para exibir o primeiro filme chamado – Besouro- classificação para 14 anos (2009), um filme de Ação e Drama, dirigido por João Daniel Tikhomiroff. Com a apresentação desse filme trabalhamos questões como preconceito racial, cultural e religioso a respeito da capoeira. Para meu espanto, o filme foi um sucesso! Conseguimos a participação de algumas pessoas de outros cursos do setor e alguns clientes do Ale, também ocorreu a fala do mestre e capoeirista local Bacico – licenciado em artes pela UFPR (Universidade Federal do Paraná). O encontro foi incrivelmente proveitoso pois tivemos a participação de todos. Com isso, as trocas e as diferentes percepções do mundo nos fazem ver como a democracia é linda, embora complexa de ser construída.

O segundo filme a ser exibido foi o Bacurau- classificação para 16 anos (2019) um Drama e Ficção científica, dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Este filme aborda questões como política, jogo de interesses, manipulação, instinto de sobrevivência e proteção humana, mais uma vez o processo sucedeu tão enriquecedor quanto a exibição do primeiro filme, porém, nessa ocasião com outras questões abordadas, o último filme que conseguimos exibir antes da pandemia da Covid-19 foi Parasita, classificação de 16 anos (2019), um Thriller e Drama dirigido por Bong Joon-ho. Este filme recém-lançado no Brasil na época, também aborda diversos temas como classes sociais, interesses e instintos humanos. Assim como nas outras exibições, esta não foi diferente a construção e ressignificação através dos debates que foram fantásticos. Infelizmente durante a pandemia não conseguimos fazer novas exibições. Todo esse processo foi mediado pelo educador (Marcos A. Zanlorenzi).

Ficaram então ainda nessa marcha as horas formativas complementares que foram cumpridas com trabalhos de campo, palestras, eventos culturais e cursos formativos que totalizaram 279 horas. Todos os temas abordados se conectam entre si na proposta de construir educadores capazes de ler o mundo ao seu redor para explicar não apenas o conteúdo em geografia, mas fazer com que seus futuros educandos sejam capazes de conectá-los à sua realidade, o que hoje a pedagogia histórico crítica chama de catarse.

Vejo que o curso muito conseguiu cumprir com as suas propostas, mas como todo curso e processo de construção houve falhas. Compreendo hoje como educanda e educadora que faltou mais conteúdo em geografia física pois percebo que estamos nos formando como educadores especificamente nesta matéria (Geografia). Embora eu também compreenda que nunca em curso algum serão sanadas todas as dúvidas e que iremos continuar estudando e complementando informações por toda nossa carreira e, para além dela. Entendo ser imprescindível esse maior domínio de conteúdos da matéria, para além do conceito de ser

educador pois atuaremos com esse componente curricular específico em sala de aula e precisamos ter também domínio do conteúdo. Também considero que é importante colocar um pouco mais de limites sobre a permissividade de algumas práticas, já que tudo que fazemos estamos aprendendo e também ensinando a nós mesmos e aos outros.

Aprendi no meu processo que repetir não está necessariamente ligado a algo ruim pois cada um tem seu tempo de entendimento e, às vezes, precisa refazer algo para se entender. Pular essa etapa pode reforçar que alguns erros não tem importância e que não precisam ser corrigidos, o que acaba por ensinar que mesmo que esteja errado vai ter sempre algo ou alguém para solucionar problemas no seu lugar e isso, replicado múltiplas vezes, pode causar uma cadeia de ações equivocadas, como as que vivenciamos infelizmente com frequência em nossa sociedade. Se pensamos na construção de uma nova e relevante consciência coletiva, fazermos ações no lugar das outras pessoas não auxilia na transformação social. Notei que no curso, por exemplo, alguns educadores entendiam que reprovar alunos representava algo ruim de alguma maneira, porém, consciente ou inconscientemente esse ato acaba por impedir que aquele educando compreenda onde errou e assim não possa se corrigir a fim de melhorar.

1.4 O que via antes... O que consigo ver agora?

Quando ingressei no curso tinha apenas 19 anos. Sempre fui uma adolescente questionadora ou pelo menos achava que era até chegar ali no curso. Continuamente fui esforçada, mas ainda tinha uma mente muito imatura. Meu propósito inicial, como já mencionei, era fazer o Provar e mudar de curso pois não enxergava a educação como algo “vantajoso” num mundo onde crescemos aprendendo que o foco é ser bem remunerado e não costumamos questionar outras possibilidades. A educação não é atrativa pois muitas vezes é sucateada e mal administrada, porém, nesse caminho eu percebi que ela é a ferramenta para que possamos transformar pessoas e pessoas possam transformar o mundo como dizia (FREIRE, 1989, p. 84). Aprendi que o sentido da existência é muito além do que uma busca desenfreada pelo dinheiro e sobrevivência.

Ficava me perguntando: “Qual a razão de existirmos neste planeta?”; “Por que as coisas se tornaram o que são? Existe possibilidade de mudança?” Tais ansias repetidamente me movimentavam e talvez meu raciocínio de hoje não tenha exatamente a resposta. Contudo, quem sabe, possa provocar outras pessoas para a construção de uma possível resposta a esse tipo de questionamento. Me atrevo a dizer que a geografia pode explicar muito, ela estuda o

território e tudo o que nele existe e surgiu, auxilia a compreender a maneira como se usa essa terra, as relações que esse lar propicia, as culturas que os grupos humanos diversos constroem, as espécies que evoluem e a maneira que estabelecem vínculos e formam seus lugares: a geografia é a parte que tenta explicar o todo, consequentemente também a Vida.

Intento que a razão da existência humana é de nascer, crescer/aprender e reproduzir, não somente no sentido biológico, mas filosófico também a partir da compreensão da essência que é trabalhada na instrução e construção do pensamento.

O acesso à informação verdadeira, de qualidade e gratuita para que não possa ser restrita apenas a grupos específicos é ponto imprescindível para que possamos por em prática esse crescer/aprender e, por conseguinte, reproduzir. O que virá desse conhecimento será então muito além do que possamos pensar ser possível, onde a evolução vai parar e se vai parar é uma incógnita, todavia no que acredito essa é a essência Evoluir! Não faço uma cisão entre conhecimento científico e o espiritual, que vejo como auxiliar no sentido que humanos encontram para explicar o que a ciência ainda não pode. Alguns encontram essa ligação através de uma religião ou contato com o divino, outras com elas mesmas, o contato com a natureza, a arte entre outros. Vejo que um pode complementar o outro.

Acredito que todos os humanóides que existiram há milhares de anos, embora não estejam aqui hoje fisicamente, são responsáveis por parte do que construímos e conhecemos agora, todo conhecimento e vivência seja ela de que maneira for não pode ser irrelevante como mencionava Paulo Freire em sua obra Pedagogia do Oprimido ao dizer que não há saberes mais ou menos, há saberes diferentes. Todos esses saberes têm sua importância e não devem ser descartados ou ser alvo de discriminação, vejo que todos estamos ligados de alguma maneira e que nossas ações individuais afetam a vida coletiva em pequena e grande escala. Essas ações são como uma rede em cadeia que construirão o futuro. Logo, de alguma forma somos “infinitos” estaremos lá no futuro como os que existiram no início estão aqui hoje em nós através das suas ações e conhecimentos adquiridos e percorridos para construirmos o hoje, suas informações nos constituíram, assim como nossas referências e informações auxiliarão a construir o futuro, se nosso planeta puder suportar o descaso com as questões ambientais vigentes ao redor do mundo, sobretudo nas sociedades capitalistas. Refletindo por esse viés, por conseguinte, busco contestar que mundo deixaremos aos nossos e quais versões de nós deixaremos ao mundo?

E o que é a vida humana, se não uma infinidade de oportunidades para ensinar e aprender!?

Se vamos de leste para oeste ou do norte para o sul não importa. Não importa se chegaremos a povoar outro planeta se não aprendemos a viver em comunidade aqui na terra. Não podemos esquecer que antes de sermos o que quer que seja, desde o mais renomado dos cientistas, ao mais bem sucedido dos empresários ou um assalariado, somos humanos. E, ser humano, supõe reconhecer-se enquanto um ser em processo evolutivo e isso inclui aprendermos antes da mais complexa matemática ou o mais genial dos marketings, o básico. E, ensinar o básico que é não deixar de ajudar o outro a evoluir também, se ele não enxerga como eu, muito provavelmente tenho tanto para ensinar quanto para aprender com ele!

E aos que acreditam muito possivelmente esse Deus que procuram em tudo, seja de fato o tudo e esteja verdadeiramente entre nós, seja propriamente nós. Cada árvore, cada espécie, cada nuvem, as formações rochosas, o chão que nos sustenta, o universo que nós desafiamos quem sabe então seja toda essa energia que permeia este tudo porque, afinal, somos natureza, só nos cabe internalizar isso.

No item que segue, apresentamos imagens que me auxiliam a recordar partes do processo de construção do curso em aulas de campo, feiras de profissões e FICHs (Feira de Interação Cultural e Humanística), processo que, ao meu conhecimento, só acontece no Setor UFPR- Litoral.

2. IMAGENS PARA RECORDAR.

Nesse módulo de reconhecimento do Litoral visitamos os 7 municípios do Litoral Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná com o objetivo de reconhecer os modos de vida nesses locais e sua cultura: Na foto abaixo, visitamos a Igreja Católica Matriz de Guaratuba.



Figura 1 – Módulo de Reconhecimento do Litoral - Igreja Matriz de Guaratuba (Nov. de 2017). Fotografado por: Marcos A. Zanlorenzi:.

A imagem a seguir registra nossa visita a um empreendimento construído a partir do cultivo de ostras em terras guaratubanas.



Figura 2 – Módulo de Reconhecimento do Litoral – Restaurante Sítio Sambaqui no Cabaraquara (Guaratuba) em nov. 2017. Fotografado por: Marcos A. Zanlorenzi.

Na imagem que segue eu estava observando e mostrando aos meus colegas o alfabeto guarani que estava exposto na parede da escola indígena.



Figura 3 – Colégio Estadual Mbya Arandu na Terra indígena Araçai/ Piraquara/PR (out. de 2017).
Fotografado por: Marcos A. Zanlorenzi.

A fotografia que segue é da 1ª feira de profissões que o litoral fez em Piraquara onde foi disponibilizado apenas um grande stand para todos os cursos do setor.



Figura 4 – Feira de Profissões em Piraquara/PR, ago. 2018. Fotografado por: Marcos A. Zanlorenzi.

Nessa imagem estávamos no espaço onde eram feitas escavações à procura de fósseis que eram expostos no Museu Cenpaleo.



Figura 5 - Trabalho de campo Cempaleo (Museu da terra e da vida) em Mafra/SC, nov. de 2018.
Fotografado por: Funcionário do Cempaleo

Essa foi uma visita a um dos moradores mais antigos do município de Matinhos que gentilmente nos recebeu em sua casa para contar as histórias da cidade e suas construções e mostrar fotos particulares daquela época.



Figura 6 - Trabalho de campo Módulo Reconhecimento do litoral Matinhos/Pr, maio de 2018. Fotografado por morador da casa cujo o nome não me recordo.

Final de semestre da Ich Educação Popular e Gênero.



Figura 7 - ICH educação popular e gênero, jun. de 2018. Fotografado por desconhecido

Final de trabalho de Campo no Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, antes de entrarmos no ônibus para retornar a Matinhos-Pr.



Figura 8 - Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos na Comunidade Quilombola de Joao Surá - Adrianópolis/Pr, jun. de 2018. Fotografado por: desconhecido

Meu antepenúltimo campo na graduação, nesse lugar incrível que vale a pena conhecer, é aberto ao público: Parque da Ciência Newton Freire Maia em Colombo/PR.



Figura 9 - Parque da Ciência Newton Freire Maia – Colombo/Pr, out. de 2022. Fotografado por: funcionário do parque.

Em outro trabalho de campo organizado pela professora Carolina Datria Schulze, conhecemos as estruturas do parque Nacional do Iguaçu e da hidrelétrica de Itaipu.

Figura 10: Trabalho de campo Parque Nacional do Iguaçu/Pr, set. de 2022. Fotografado por: Kachel (motorista da UFPR).



3. Conclusão

Durante minha formação pude ter acesso a materiais intelectuais que me permitiram refletir sobre a minha própria existência, as maneiras pelas quais minha infância e adolescência ocorreram da forma que se deram e porque muitas ações coletivas que propiciaram isso, ainda seguem se repetindo de forma parecida ou pior, porque o acesso a muitas informações ainda é restrito por aqueles que buscam lucros desenfreados e interesses particulares. Compreender o quanto essa desigualdade restringe mentes a se construírem para constituírem seres mais críticos capazes de compreender suas mazelas e também auxiliar a solucioná-las, porque ninguém melhor para falar das dores se não quem a sente.

Me reconhecer enquanto alguém, fruto das dificuldades causadas pela desigualdade social foi de extrema importância no papel da edificação da vida discente e, por conseguinte, docente, não para vitimizar um dos lados, mas para compreender que minha limitação em muitas áreas que, por consequente causam também uma limitação coletiva não foram somente de responsabilidade individual, mas de escolhas equivocadas durante a estruturação de nossos ancestrais, da má distribuição e no uso de exploração de outros para alcançar objetivos individuais. Quando pude compreender que parte de minhas dificuldades foram consequências de ações efetivadas para muito além das minhas, pude criar como objetivo pensar possibilidades para minha transformação a fim de auxiliar outros também em seus processos.

Os principais resultados que venho enxergando hoje em minha análise da formação pessoal é que assimilando minhas verdades pude inclusive buscar recursos, por exemplo, como aprimorar minha leitura, escrita e consciência de mundo, compreender os atributos das coisas como elas são e isso me permite ser uma docente capaz de assimilar as possíveis dificuldades de meus educandos, trabalhando de uma forma mais crítica e humana para auxílio de suas formações próprias no processo de amadurecimento.

Anseio não findar por aqui minha busca pelo conhecimento individual e coletivo para que possa assim auxiliar não apenas na minha evolução de consciência para um mundo melhor possível, mas ainda assim auxiliar na construção de outras consciências como acredito ser um dos maiores sentidos de nossa existência.

4. Considerações finais

Abarcando todo esse meu processo que seria de quatro anos, mas que se tornaram quase seis devido à pandemia de Covid-19 que paralisou o mundo em 2020 e as minhas crises existenciais que me pararam na metade do ano seguinte, reconheço como essa caminhada me transformou de tantas formas e jeitos me acolhendo e me chacoalhando de quando em quando.

Me abriu muitos mundos, olhares, vários sorrisos e, conjuntamente, tantas lágrimas, porém, nenhum dos sentimentos agora seria maior que toda a Gratidão que transpôs essa andança a cada diálogo em rodas de conversa ou em vivências dentro e fora de sala, em cada linha dos textos trabalhados e indicados, cada conflito e resolução, vídeos, filmes, colegas, amigos, uns que tornaram-se família da alma que vou levar para o meu todo aqui e, quem sabe, para além, se houver outras dimensões.

5. Bibliografia

ACOSTA, A. O bem viver. São Paulo: Elefante, 2011.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: 1996.

GALEANO, E. De pernas para o ar: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 2009.

_____. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM, 2018.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.